



MEU CARO TEDDIE*

Correspondência entre Kracauer e Adorno (1923-1966)

TRADUÇÃO DE JÚLIA BUSSIUS

ADORNO PARA KRACAUER: CARTA NÚMERO 9¹

Viena, 10 de abril de 1925

Meu caro Friedel,

Hoje por fim cheguei a uma carta; depois de algumas semanas muito atribuladas estou de volta às minhas quatro paredes, não vejo ninguém fora os professores, trabalho e estudo a existência. Um piano, velho mas utilizável, fica no meu quarto; a prateleira de livros está lá faz tempo, com muitos Kierkegaard, Lila vai ficar fora por um período indeterminado (no mínimo seis semanas!), e assim é possível viver, se quisermos. Eu estou constantemente triste, solitário, sem entusiasmo tanto no sentido vitoriano² como no maldito sentido psicológico imanente, e tenho saudades de você, a quem agora, que seja sempre assim até que haja algum término, estou atado na morte e na vida. A única coisa que me dá suporte é o trabalho, ou mais exatamente o ato de compor, que anda devagar mas segue com seriedade: dois dias atrás ficaram prontas as variações para um quarteto de cordas, hoje uma pequena peça para orquestra (a primeira de um ciclo)³, para a qual preciso apenas de dois dias: para o meu temperamento, muito depressa. Também o principal, o grande trio⁴ tem progredido: espero encerrar a primeira frase na próxima semana, entretanto fiquei três meses escrevendo sobre ela e ainda preciso mudar muita coisa. Eu sei que você é avesso a todas as crenças nos atos criativos e já evita tão vaga menção como “alguém ter no trabalho seu suporte”; mas o suporte também é significativo e eu não posso evitar acostumar-me à melancolia diante da vida incompleta.

Agora, sobre a vida incompleta: eu conheci duas pessoas notáveis, Schönberg e a senhora Mahler. Schönberg numa apresentação fechada de música de câmara do quarteto Kolisch (Kolisch agora é cunhado de Schönberg, o irmão de sua segunda esposa⁵). Berg levou-me para lá e apresentou-me com seu modo amável e caloroso; Schönberg, à menção de meu nome, logo recordou-se que eu havia lhe enviado algo uma vez (pequena peça para quarteto⁶); e então

[*] As notas que se seguem pertencem à edição original: Adorno, Theodor W. e Kracauer, Siegfried. Briefwechsel — “Der Riss der Welt geht auch durch mich” — 1923-1966. In: Adorno. *Briefe und Briefwechsel* — Herausgegeben vom Theodor W. Adorno Archiv — Band 7. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 2008. [N. do E.]

[1] Documento original: manuscrito; espólio de Siegfried Kracauer, Deutsches Literaturarchiv Marbach am Neckar. Anotação de Kracauer no envelope: “5º” recebido em 14 de abril de 1925 [...], resposta em 16 de abril”.

[2] Não verificado.

[3] Seis pequenas peças para orquestra, op. 4 (cf. Adorno, *Kompositionen* 2, pp. 29-54); a segunda peça data de 1925, a primeira, de 1929.

[4] Ver Carta número 5.

[5] Gertrud Schönberg, nascida Kolisch (1898-1967), com quem se casou em 1924; Mathilde Schönberg, nascida Zemlisky, a primeira esposa de Arnold Schönberg, morreu no ano anterior.

[6] Seis estudos para quarteto de cordas, 1920 (cf. Adorno, *Kompositionen* 3, pp. 67-83, assim como Adorno, *Bildmonographie*, pp. 64-66).

falou comigo como Napoleão gostaria de ter falado com seu jovem ajudante, que ao chegar do longínquo local da batalha, deveria naturalmente mostrar interesse por aquilo, porém há muito havia esquecido as circunstâncias dela: da vida musical frankfurtiana. Ele me pediu então para mostrar-lhe composições. Estes são os dados, poucos mesmo. Mas eu fiquei tanto tempo próximo dele que já tenho certa impressão. Seu rosto é o rosto de um homem sombrio, talvez um homem mau, com a inclinação para todas as baixezas e até perversidades, uma boca com pequenos espasmos, afobada, voraz e uma estranha adaptação dos traços, que se moldam a todas as formas; Benjamin diria: um fantasma; mas um do Café Goldschmidt⁷, um inquieto e exausto rosto de jogador judeu, não “sereno” (ele também não tem idade para isso) mas sim possuído dos pés à cabeça. Para completar, dois olhos enormes, quase rijos e uma testa poderosa. O sujeito tem algo de sinistro e opressivo, apesar de e por mais conciliador que ele se mostrasse. Acrescente-se ainda a isso o texto que Berg me deu e que eu, sem saber de quem era, recusei analisar, por ele se parecer descaradamente com o meu próprio; no qual encontrei simultaneamente o caçado e o colecionado, portanto com ele terá sua veracidade. Eu acho que também teria um efeito forte em você, como tem em mim. — Quando ele tiver voltado da Espanha, onde dirige o *Pierrot*, devo então conhecê-lo mais de perto, até onde isso realmente é possível; pois por ter mania de perseguição (não totalmente sem razão; recentemente cuspiram nele no café, de novo!), ele mal tolera objeções; com o quê a essência de qualquer discussão se exclui. Além do mais, ele é dominado pelo *eros* pedagógico e dá conselhos para qualquer pessoa, em especial para compositores.

Agora a senhora Mahler: primeiro encontrei a sua meia-irmã, filha do pintor Carl Moll⁸, na casa de Alban Berg (também já um caso muito à parte, uma criatura discretamente extravagante!). Então Berg, que toca piano de modo tecnicamente insatisfatório, me pediu para que apresentasse o seu *Wozzeck* a Barbara Kemp⁹ (senhora von Schillings¹⁰), ou melhor, para que estudasse com ela a ária de Marie, pois a soprano deveria fazer o papel principal na estréia em Berlim¹¹. (Eu precisei treinar correndo uma semana inteira para isso!) O encontro ocorreu na casa de Alma Maria¹², às oito e meia da noite ela iria para Veneza, ficamos lá até às oito, repletos do doce licor da Kemp e apenas balbuciando palavras de elogio para ela — Alma Maria tem ritmo, e comparado a ele o de Else é como a lerdeza do interior; acontece apenas que ela encenou tudo de modo considerável e sem dificuldades. Ela é um fenômeno em todas as instâncias: cada vez mais bela, sem todas as pretensões, correta, sem arivismo, inteligente, hábil com as palavras e munida das mais recentes dicas teológicas de Praga (por falar nisso, o escritor Morgenstern¹³, sobre quem ainda quero lhe falar, contou uma piada boa ontem: quando um

[7] Situado na Allerheiligenstraße em Frankfurt am Main.

[8] Carl Moll (1861-1945), pintor e artista gráfico, casou-se com a atriz Anna Sofie Bergen (1857-1938), mãe de Alma Mahler, após a morte de seu marido, Emil Jacob Schindler (1842-1892), pai de Alma e também pintor. Deste casamento nasceu a meia-irmã de Alma, Anna Bergen- Moll (?-1938).

[9] Barbara Kemp (1881-1959), cantora de ópera, trabalhou em grandes palcos da Europa, especialmente na ópera estadual de Berlim e em Bayreuth; na realidade, a ária de Marie foi cantada por Sigrid Johanson.

[10] Max von Schillings (1868-1933), compositor, diretor artístico da ópera estadual de Berlim entre 1919 e 1925.

[11] A primeira apresentação da ópera *Wozzeck*, de Alban Berg, ocorreu em 14 de dezembro de 1925, na ópera estadual de Berlim, sob a regência de Erich Kleiber.

[12] O *Wozzeck* de Alban Berg é “dedicado a Alma Maria Mahler” (cf. Alban Berg, *Wozzeck*, [Universal Edition, Viena, 1923] Universal Edition, Viena, 1953, p. 3).

[13] Soma Morgenstern (1890-1976), escritor e jornalista, escrevia para o jornal *Frankfurter Zeitung*, amigo de Alan Berg.

[14] Oscar Kokoschka.

[15] Richar Beer- Hofmann (1866-1945), escritor.

[16] Franz Werfel, *Juarez und Maximilian*, Paul Zsolnay, Berlim, Viena, Leipzig, 1924: primeira apresentação em Magdeburg, no dia 20 de abril de 1925. A estréia em Viena, sob a direção de Max Reinhardt, ocorreu no teatro da Josefstadt em 26 de maio de 1925. Franz Werfel (1890-1945) tornou-se o terceiro marido de Alma Mahler em 1929, após um relacionamento que já durava mais de dez anos.

[17] O conflito é atizado: Werfel, Franz. *Spiegelmensch. Magische Trilogie*. Kurt Wolff, Munique, 1920. Essa paródia anti- Werfel, de 1921, foi uma resposta ao parodístico e a partes da visada peça de Karl Kraus (cf. Kraus, Karl. "Literatur oder Man wird doch da sehn". In: *Genetische Ausgabe und Kommentar*, org. Martin Leubner. Göttingen: Wallstein Verlag, 1996).

cidadão de Praga vê a neve e três pessoas nela, já imagina que seria um Dostoiévski!); cheia de mistérios, mas ela se tornou bastante evidente e curiosamente tinha isso como seu objetivo. Ao mesmo tempo uma diplomata fabulosa: como ela lidou com a insuportável e grande maluca da Kemp, festejando e, ao mesmo tempo, ironizando disfarçadamente, e o *Wozzeck* do inacreditavelmente modesto (modesto por fora!) Berg, que de modo algum mencionava sua obra e preferia esconder-se quando o assunto era ele, sem ter a menor habilidade para fazer qualquer coisa por ela — como ela ajudou a dar o lugar merecido ao de fato importante *Wozzeck* e o sugeriu à Kemp, que mal o entendia, isso foi ótimo, *sit venia verbo sine ullo principio*, genial! A coisa teve o melhor efeito e a Kemp vai cantar a ária — eu não acusei tanto a senhora Mahler, acostumada pelo menos de modo passivo às picuinhas, quanto você talvez teria feito por ela ter falado sem parar sobre Werfel e Koko¹⁴, Beer-Hofmann¹⁵ e outros grandes escritores. Foi apenas engraçado como ela ficou ou se mostrou espantada por eu não conhecer pessoalmente toda a sociedade. Nós nos entendemos muito bem e nos despedimos afetuosamente. No dia vinte ela virá para a estréia do Juarez de Werfel¹⁶ aqui e é bem provável que então eu consiga vê-la.

De resto, vivo bem calmo; a única novidade é esse Morgenstern, que vejo bastante, um judeu polonês inteligente, com uma bela aparência e relativamente pouco exasperado; certamente uma pessoa intensa e dialeticamente talentosa, no entanto provavelmente de estatura modesta. É possível ter uma conversa razoável com ele. Ele anda bem próximo do compositor Rathaus (que também se apresentou em Frankfurt), um jovem muito talentoso mas terrivelmente arrogante, a quem evito.

O que me surpreende em todas as picuinhas é a relativa ingenuidade deles. Desprovidos de qualquer refinamento no contexto daquilo que fazem, eles estão aqui — todos os que conheci! —, sem dúvida, pelas próprias condições; eles se comprometem com a esfera psicológica, como se a compreendessem por ela mesma ou se ela tivesse sido criada pelo querido Deus, e a ineficiência no empirismo segue sem impulso, deslizando sobre o individualismo teórico e histórico, que em toda a dita problemática tem no total e em geral, apesar disso, algo muito confortável, pois ele nunca alcançará para além de si mesmo e nada sabe, ou sabe apenas de forma distorcida, sobre a necessidade de existir — um conforto que, entretanto, visto de fora, apaga sua verdadeira problemática. Nesse sentido eles são todos iguais, mesmo os inimigos Karl Kraus e Werfel¹⁷ (que segue agora a "objetividade", não sabe mais russo, mas a tudo ilumina com a sua brasa sulina — como ele vai construir rápido um arranha-céu!); e eu quero acreditar que nessa encantada ingenuidade Seldwyliana ainda se esconde algo elementarmente bom; mas o fundamental me parece ser a encenação da crise de

uma burguesia que, pensada como prova marxista (marxismo é uma resposta para Viena!), fica fora da dialética, de certa forma uma ilha de cultura, que caduca por meio de uma atitude de incesto, e cujo objetivo mais fica esquecido, quanto mais se interessa obsessivamente por si mesma. A imagem externa de cidade totalmente estagnada economicamente, abandonada pelos movimentos do mundo, aquecendo a si mesma com dificuldade, combina muito bem com o fato de que se é artisticamente e (até onde vejo) filosoficamente reacionário na essência; entendo o fato de todo radicalismo ser apenas aparência (Koko!) não como psicologia exagerada ou projetada do indivíduo, ele pode ser entendido como a imagem exatamente contrária do modo de vida burguês falsamente concreto da empresa de pianos, que quer exportar e precisa ganhar dinheiro, pois graças à sua burrice cultural não tem máquinas e nem mesmo telefone. A frase “sou acomodado mesmo”¹⁸ de Kraus, foi de fato considerada polêmica pela cidade toda. Já teria sido válido analisar o contexto ou a relação de estrutura da pequena burguesia economicamente retrógrada e o individualismo psicológico *metafísico*: como ela separa a “pessoa” da comunidade existente aqui ou lá do sentido, e a comunidade, pois também no aspecto econômico há por certo a elaboração individualista, que se agarrou romanticamente ao “imediatismo” e com ele desistiu da produção, um fenômeno da separação. — Coisas que são passado para nós há muito tempo, como Strindberg¹⁹ e Péladan²⁰, continuam em curso por aqui; Shaw, o pequeno-burguês astuto (eu vi o detestável *Johanna*²¹, não apenas bobo como também desonesto em seu âmago), é considerado o apogeu da civilização ocidental ascendente; mesmo Berg, que apesar de continuar com sua música e estar *de fato* habilitado para a crítica, não entende que algo se tornou preguiçoso em *Tristan* ou, muito mais, que aquilo se tornou o manifesto da preguiça.

Mas basta disso tudo. Eu tenho o sentimento bastante grotesco de ter sido banido da província como o velho Ovídio, apesar de eu — que pena! — não ter seduzido nenhuma dama do rei com os meus poemas e nem uma vez sequer ter sido capaz de alcançar o objetivo óbvio com uma dançarina de cabaré disposta. Eu tento aprender o máximo possível e já aprendi bastante, sobretudo no que diz respeito à orquestra, da qual sempre tive um certo temor e com a qual agora, sem nunca ter estudado “instrumentização”, consigo lidar; Sekles tinha razão. Algumas dicas de Berg me ajudaram de maneira fabulosa. — Também penso em ganhar certa destreza como pianista acompanhante e, com Steuermann, que toca de maneira esplêndida, vou aprender muito em termos pianísticos — desde que ele não seja fleumático demais ao me atender durante a aula. — Ainda não estive na universidade; se estendem variadas conexões a Lukács, mas elas ainda não o alcançaram; ele é muito ex-

[18] “Eu exijo uma cidade na qual possa viver: asfalto, limpeza das ruas, chaves da portaria, calefação, água quente. Já sou acomodado mesmo” (cf. Kraus. *Aphorismen*, org. Christian Wagenknecht. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1986, p. 209).

[19] A obra completa do escritor sueco August Strindberg (1849-1912) saiu entre 1902 e 1930, pela editora Georg Müller, Munique e Leipzig.

[20] Do escritor francês Joséphin Péladan (1859-1918), a editora Georg Müller, Munique e Leipzig, publicou em 1914 uma edição de suas peças e, entre 1911 e 1925, os romances.

[21] Shaw, George Bernard. (1856-1959). *Die heilige Johanna. Dramatische Chronik in sechs Szenen und ein Epilog*. Trad. Siegfried Trebitsch. Berlim, S. Fischer, 1924. A estréia em Viena no Deutschen Volkstheater ocorreu em 24 de outubro de 1924. Não foi identificada qual das 58 apresentações teria sido vista por Adorno (cf. *Bernard Shaws's Letters to Siegfried Trebitsch*, org. Samuel A. Weiss. Stanford, Stanford University Press, 1986, p. 252, nota).

[22] Alois Hofmann (1859- 1927), regente de ópera e diretor, em 1923 ocupou a cadeira de docente na Staatsakademie für Musik und darstellende Kunst de Viena.

[23] Ao menos “Zum Problem der Reproduktion” (carta número 7), possivelmente também “Béla Bartók Tanzsuite” (ver carta número 5); a “cartinha” não está disponível.

[24] Walter Benjamin entregou por escrito o requerimento de sua defesa de tese na faculdade de filosofia da Universidade Johann Wolfgang Goethe em 12 de maio de 1925; Hans Cornelius deu parecer negativo sobre a tese *O nascimento do drama barroco alemão* (cf. Benjamin, *GS* 1, pp. 203- 430), o processo fracassou (cf. Benjamin, *Gesammelte Briefe III*, p. 35; Lindner, Burkhardt (org.). *Habilitationsakte Benjamin*. In: *Walter Benjamin im Kontext*. 2a ed. Königstein: Athenäum, 1985, pp. 324- 341).

[25] Com essas palavras Friedrich Hebbels termina uma carta para Cristine Hebbel, de 29 de junho de 1858 (cf. *Friedrich Hebbels Briefe*, com a colaboração de Fritz Lemmeymayers, org. Richard Maria Werner, trechos selecionados em dois volumes. Berlin: B. Behr's, 1900, vol. 2, 1853-1863, p. 98). Essa edição das cartas não se encontra na biblioteca póstuma de Adorno, mas sim os sete volumes da obra de Hebbel, em parte com marcas e anotações nas margens.

[26] Documento original: manuscrito com cabeçalho impresso; Theodor W. Adorno Archiv, Frankfurt am Main.

[27] Kracauer escreve “Kemp”.

clusivo, “classe muito alta” no proletariado. — Vi Alois Hofmann²²; ele continua talentoso como sempre e difícil de aturar.

O que você achou dos ensaios que corrigiu, sabe Deus quão masoquistamente? O outro é naturalmente seu; claro que também há uma cartinha²³ sobre isso, qual símbolo terá lhe escapulado? Como andam as coisas em casa? O Waltende²⁴ já defendeu a tese?

Lila está mais doente do que se pensava — pneumonia —, ela se queixa nas cartas e ainda não recebeu uma linha sequer da minha parte. Ela sente pena de mim; mas o relacionamento se desgastou e ela acha que estava apenas começando.

Creio que voltarei menos mudado de Viena do que você imagina. Talvez mais independente com relação às coisas externas, com as quais de fato não me preocupo mais aqui, como o fazia em casa; e estou um tanto mais triste. Será que as pessoas, das quais não consegui escapar de forma veloz o suficiente em Frankfurt, como Hanni e quem mais zanzava por lá, me desejaram algo de bom? Eu vivo aqui do mesmo modo que vivia aí: o demasiadamente livre é o que importa. Por que me falta o calor empírico sem o qual não poderia viver de modo algum uma vida como a minha? Por que tomar de mim o que tenho: minhas pessoas? — Talvez eu tenha sido dócil demais, sem admitir, com aqueles que não gostam de mim. Mas isso fica entre nós, qualquer *terceiro* iria entender errado!

Com devota paixão,
Seu Teddie.

“As saudações são auto-explicativas.”²⁵

KRACAUER PARA ADORNO: CARTA NÚMERO 10²⁶

Frankfurt am Main, 16.04.1925
Redação do Frankfurter Zeitung
16 de abril de 1925

Caro Teddie, sua carta realmente me deu uma impressão de Schönberg e Alma Maria. Eles, com o pano de fundo de sua obra, devem mesmo parecer demoníacos, pelo jeito que você os descreve. O fato de a escrita deles se parecer com a sua seria um prognóstico a interpretar; também encontramos neles a ligação entre a prática e a teoria. Eu realmente não sabia que ele era casado pela segunda vez. Sua tia Agathe já havia me contado que você iria estudar o papel com a Kemp²⁷; assim, não fiquei surpreso em saber por ela sobre você e a feiticeira. Pois ela parece ser uma dessas, pelo que Holl conta. Eu acho muito bom que

você se entenda com a moça e com certeza irá circular livremente por lá; mas assim você vai conhecendo diversas criaturas e olhando para a causa de Koko e outros nomes. Eu também não a condenaria por perfilar-se às figuras médias e grandes; como mulher, a se divertir com suas semelhantes, ela pode se dar ao luxo, talvez lhe caia bem, com certeza lhe cai bem. Se o amor começasse com seriedade, a comédia teria de ser organizada. *A grande dame* espirituosa e disposta a aventuras é, em todo caso, uma das mais belas invenções do mundo civilizado e é melhor desculpá-la do que tentar relacionar-se com o círculo de conhecidos. O escritor Morgenstern tem um nome a zelar. Enquanto isso, me ocorre que Rudolf Steiner²⁸ morreu por esses dias — como esse fantasma foi esquecido depressa. Pelo que a titia ainda relatou no Café Hauptawache²⁹, agora você precisa ser excepcionalmente aplicado. Aqui, no entanto, em termos musicais você estava mesmo no exílio, pois fora Sekles não tinha ninguém e ele você também não tinha mais. No quesito produção, não apenas musical, a solidão faz tão mal quanto a moralidade — ao menos enquanto condição. Nos distraímos na tristeza e uma conversa, uma assonância de fora, daria o impulso. Tudo está mesmo em um, mas percebo com frequência que a profundidade depende muito da superfície, do contrário ela se perde sem palavras. Você acha que sou avesso à idéia de que o trabalho nos dá suporte. Ah, definitivamente não, no fim das contas ele faz isso, só que um dia as minas explodem. Ainda falarei sobre sua melancolia e tristeza. Sua interpretação sociológica de Viena ficou clara para mim, eu concordo com ela incondicionalmente e posso sentir muito bem que você tem fé na província de vez em quando. Isso aconteceu comigo em Berlim, os espetáculos que reinavam por lá, meu Deus, tinha-se um outro nível. A província em muitos *closes*: assim me parecia Berlim. Você vai mesmo para lá em maio, como estava planejado³⁰? Em seu lugar, eu participaria de toda a agitação, de A a Z, você já conhece aquilo e para quê ter ilusões desnecessárias? Ainda sobre Viena: acredito de bom grado na ligação entre ingenuidade e psicologia individual, o elementar deve estender-se até a senhorita Else. De resto, nenhum personagem dos romances de Schnitzler³¹ ou do fantasma Kassirer³² conseguiu suportar a pseudo-existência. Se você quisesse encontrar Lukács, a realidade da irrealidade dele é um porto-seguro no mar gelatinoso. Aliás, fiquei feliz com a sua condenação do *Johanna*; neste aspecto, nós estamos isolados em relação ao que sentem os outros europeus ocidentais. Você me pergunta o que achei da sua crítica de música. Inteligente e concisa. O que foi o masoquismo que você sugeriu? Espero ter consertado isso corretamente. Quanto às minhas observações acerca do seu ensaio sobre a reprodução, você não escreveu nada. Posso receber uma cópia³³? Bem percebi que as suas linhas estavam relacionadas com o ensaio; eu só pensei que você precisaria transcrevê-lo mais uma vez. Alban

[28] Nascido em 1861, o fundador da Antroposofia morreu em 30 de março de 1925. Kracauer escreveu um obituário: “Sobre a morte de Rudolf Steiner”. In: *Frankfurter Zeitung*, 18 abr. 1925, *Morgenblatt* (ver Kracauer, *W5*, n.º 238).

[29] Estabelecimento localizado na praça de mesmo nome no centro de Frankfurt.

[30] Aestréia em Berlim do “Wozzeck” de Alban Berg, adiada para dezembro, estava planejada para maio de 1925.

[31] Schnitzler, Arthur. *Fräulein Else*. Berlim/Viena/Leipzig: Paulo Zsolnay, 1924.

[32] Não verificado.

[33] O ensaio de Adorno não foi encontrado na extensa coleção de artigos xerocados de Kracauer (espólio de Kracauer, *Deutsches Literaturarchiv Marbach*).

Berg deve ser mesmo uma pessoa profunda e distinta, sem alardes; seu pessoal também ficou encantado com ele. Pressionei bastante sua tia, sobretudo, para transmitir uma imagem nítida.

No que concerne à sua melancolia, nela encontro uma certa discrepância entre os tons mais baixos e mais elevados da carta — considerando que não se trata da melancolia genérica sem motivo, que nunca retrocede, uma vez que se instalou assim, pois a incompletude parece constitutiva. Contra isso eu não saberia como ajudar, tão pouco a você como a mim. Essa melancolia é, portanto, o que você é. Mas as outras coisas que poderiam ser atingidas pela sua palavra, você talvez voltaria um pouco mais triste, isso em especial não parece mais ter o tom mais elevado, pelo menos. Na verdade tive até mesmo a sensação de que aí você nadou em um rio mais largo, alguns fardos se foram. Diferente do que eu imaginava, você percebeu o novo, a continuidade seria extinta, mas tudo o que foi escrito tinha, no entanto, uma ênfase positiva, suas mamãezinhas também declararam algo parecido, elas estavam até mesmo satisfeitas com o aspecto físico, o que, aliás, quer dizer muita coisa. Agora sim, são essas as minhas impressões. A tristeza sobre a qual você escreve aparece bem nas últimas frases de sua carta: eu não as entendo. Um: por que você está preocupado se Hanni e os outros lhe desejaram algo de bom, como se ela lhe quisesse fora de Frankfurt? [x]³⁴ são isso; eu acredito mesmo que ela tenha feito isso. “Por que tomar de mim o que tenho: minhas pessoas?”, você pergunta depois. Estou duplamente em desacordo aqui. Primeiramente: você quer dizer que eu tomei alguém de você? Você não pode acreditar nisso. Sobre o resto: a lógica dos fatos. Como alguém pode chegar a tomar pessoas de outro alguém que as possui. No sentido exterior seria possível — talvez? —, mas isso não está em discussão. Na realidade: nunca. Persistem aqui — esta é a minha forte convicção (tão forte quanto a sua) — relações exatamente recíprocas. No que se refere às relações humanas, ninguém pode arrancar um “a” que seja do outro. Penso no “equilíbrio”³⁵: o princípio da balança vale ao menos negativamente. Um amor sempre pode ser maior. Ele parece ter sido revogado, no entanto, provavelmente não irradia desse jeito, devia estar desamparado. Uma curiosidade sobre isso. A Susman me escreveu ontem³⁶, cortando relações; saudação: Caro sr. Kr. Ela leu algum dos meus ensaios e ele lhe pareceu contraditório — como posso saber? —, ela constatou um estranhamento entre nós e encerrou, por assim dizer, oficialmente a forma da relação. Ela não me tirou nada, pois eu não tinha nada. Se eu fosse amigo dela — “indispensável” —, isso não poderia ter acontecido. Aliás, não dou a mínima para isso; o que se deve responder diante de tamanha idiotice? Já que estamos falando de pessoas: você me contou sobre Lila, a doença dela, o fato de você

[34] Texto ilegível no original.

[35] “O equilíbrio entre o estético e o ético na formação da personalidade”, assim é o título da segunda seção, da segunda parte de Kierkegaard, Sören. *Entweder- Oder*, com a contribuição de Niels Thulstrup e da Kopenhagener Kierkegaard- Gesellschaft, orgs. Hermann Diem e Walter Rest. Colônia: Jakob Hegner, 1960, pp. 704- 914.

[36] Magarete Susman, nome de casada Bendemann (1872- 1966), escritora e estudiosa da literatura, amiga de Kracauer desde o início do século XX. A carta mencionada não está disponível no espólio de Kracauer.

não lhe escrever. Você permite que eu diga algo sobre isso? Claro que não sei qual é o problema entre vocês, mas na verdade achei um pouco *brutto*³⁷ você não enviar nenhuma linha para ela, a criatura doente. Você mesmo diz que ela é uma pessoa — e você assim a mantinha — sempre à certa distância. Mas eu não sei, a última frase, “Talvez eu tenha sido dócil demais, sem admitir, com aqueles que não gostam de mim”, é um mistério para mim — mas ela deve ficar, apesar disso, entre nós. Por favor me diga o significado, se você tiver vontade, pois eu não consigo enxergá-lo. Fico envergonhado. Você não escreveu nada sobre a minha última carta³⁸ (de 18 de março, respondendo à sua do dia 14), ela chegou até você?

2.

Você quer saber como estão as coisas “em casa”. O Waltende, até onde sei, está em Berlim; o processo da tese provavelmente será encaminhado no próximo semestre. Horkheimer me telefonou uma vez, arrastado de Paris³⁹; talvez eu o visite essa semana ou na próxima. Desde a sua ausência, não vi Zickel⁴⁰ uma vez sequer. Mas por que raios ele nunca escreve? De Fred, recebi uma carta⁴¹ curta e indecifrável. Ele pergunta muito por você, sem saber sobre você. Vou passar o seu endereço na próxima (ou não? ou sim, isso é tão externo), que escrever ao garoto, então. O Leo me incomoda de vez em quando; eu tenho uma desconfiança passional contra ele, porém sou covarde demais para arcar com as conseqüências. Srta. Kamnitzer⁴² não passou sequer uma vez pelo horizonte, pois ela parece mesmo estar na Riviera, acredito; logo a menina vai ficar noiva. Nenhuma história nova, na verdade a pintura é monótona. Muitos perguntaram afetuosamente sobre você: dr. Frankenberger⁴³, por exemplo, e outros da nossa mesa cativa. Não sei por onde andam Hanni e Bobbie⁴⁴; nunca mais ouvi falar delas, e fora isso: a solidariedade.

Na Páscoa, estive em Würzburg e Bamberg⁴⁵, sozinho. Não faltaram sensações ópticas. O basalto, com suas vistas gerais em perspectiva por todo o cosmos, já é algo impressionante. Joga-se com o panteão, clama-se por uma solução — *tutto il mondo* será levado à sociedade culta, que ainda conhece os cinzas e as relações da natureza, de uma forma provinda da própria situação — a última positiva. O rococó então ainda continua a aderir a este mesmo mundo retirado da Regência e zomba muito dele com alegria — em tom de despedida e timidamente, a falta de abrigo transcendental da lembrança gloriosa já está na medula. *Rocailles* sobre antigas cornijas — que símbolo. A escada para a capela — um *chef d'oeuvre* da atitude religiosa; o parque de Veitshöchheim⁴⁶ abriga uma cos-

[37] *Brutto* (italiano): duro, malvado.

[38] Não disponível.

[39] Max Horkheimer (1895-1973), filósofo e cientista social, amigo de Adorno desde o início do século XX. Livre-docente da Johann Wolfgang Goethe-Universität, co-fundador do Instituto de Pesquisa Social, diretor até 1930. Ano de 1933, exílio na Suíça; 1934, Estados Unidos, retorna a Frankfurt am Main em 1949, lá retoma a atividade acadêmica, é reitor da universidade entre 1951-1953. A visita de Paris não pôde ser verificada.

[40] Reinhold Zickel (1885-1953), professor de alemão de Adorno no Kaiser-Wilhelms-Gymnasium, em Frankfurt am Main (ver Reinhold Zickel, Adorno, *GS* 20-22, pp. 756-767, assim como Stemmler, Horst. “Rückblicke auf eine Freundschaft. Theodor Adorno und sein Lehrer Reinhold Zickel. 1913-1965”. In: *Adorno-Portraits. Erinnerung von Zeitgenossen*, org. Stefan Müller-Doohm. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 2007, pp. 175-210).

[41] No espólio de Kracauer encontram-se dois escritos sem data de Frederick Goldbecks para Kracauer.

[42] Provavelmente Marianne Kamnitzer (1901-?), jornalista, editora. Nome de casada Marschak.

[43] Trata-se do dr. Julius Frankenberger, segundo a lista de endereços de Frankfurt de 1925, professor de ginásio e residente em Trutz.

[44] Ver Cartas números 4 e 8.

[45] Kracauer relata isso: “Der Reisevorschlag. Eine Viertage-Reise nach Würzburg und Bamberg”, in *Frankfurter Zeitung*, 17 mai. 1925, 2. Morgenblatt, Bäder-Blatt (ver Kracauer, *W* 5, n.º 240).

[46] Jardim rococó na residência de verão do príncipe-arcebispo de Würzburg.

[47] Adorno e Kracauer conhecem a estátua do cavaleiro na catedral de Bamberg e sua linhagem iconográfica da poesia “Bamberg”, de Stefan

George (*Der Siebte Ring*, 1907), segunda estrofe: “Dann bist du leibhaft in der Kemenat/Gemeisselt — nicht mehr Waibling oder Welfe —/Nur stiller Künstler der sein bestes tat/Versonnen wartend bis der Himmel helfe” (citado de acordo com Stefan George, *Werke*, a.a.O., vol. 1, pp. 336ss.).

[48] Escultura da lápide de Friederich von Hohenlohe (príncipe-arcebispo de Bamberg entre 1344 e 1352) na catedral de Bamberg.

[49] Ao lado da estátua de Maria e do “anjo sorridente”, faz parte da composição de figuras do coro leste da catedral de Bamberg.

[50] Monastério do antigo convento beneditino de São Michael em Bamberg.

[51] Igrejas de peregrinação do século XVIII; como Banz, antigo mosteiro beneditino fundado no século XI, situado ao norte de Bamberg.

[52] No espólio de Adorno não se encontra nenhuma foto que corresponda, contudo há um retrato com dedicatória manuscrita de 1923: “Para Teddie, Friedel. Em março, 1923” (ver Adorno, *Bildmonographie*, p. 80). No espólio de Kracauer encontra-se uma de Adorno do ano de 1924: “Para o meu Friedel, esta triste foto como lembrança da viagem às Dolomitas, 2 de setembro de 1924, a caminho do lago Garda” (*Deutsches Literaturarchiv Marbach*).

mogonia tremenda de mortes cristãs, a mais alta aposta na última trepidação — pranto na forma — lamento do objeto (como em Mozart o lamento do sujeito). Bamberg: eu fui derrotado. O cavaleiro de uma visão vinda de outro império⁴⁷ (o unicórnio deve mesmo estar perto). Depois o Hohenlohen⁴⁸ com sua espiritualidade de rosto pequeno, nervoso, do século XIII. A sibila⁴⁹: o olhar pareceu repousar por séculos, as rugas são evocações. *And so on*. A essência católica que vive é em parte incrivelmente medieval (mulheres, velhas, com rostos de pedra repletos de devoção objetiva; ocasião dos cerimoniais, para aproveitar a vida ao máximo), como um teatro na capela da Michaelkirche⁵⁰, o cristo de alabastro em linho branco, coberto de plissados [?] vermelhos, por todo lado velas e eletricidade atrás das ramas de pinheiro — magia da Sexta-feira Santa. O *mocca* certamente é ruim nestes enclaves mortos e os cinemas passam os filmes encaçados. Pelo menos eles são, eu sei disso, e a senhorita Emerantia pode estudar ou detestar os costumes e usos do chá das cinco. Por último vi as *Vierzehnheiligen* e Banz⁵¹. Aquele Rococó incrivelmente sonoro de uma temporalidade perigosa e agregadora, a Idade Média, um pavilhão de luxúria audacioso, pula para dentro das abóbadas frívolas e as alegorias se unem mudas ao esplendor. Do outro lado de Banz, paisagens mais sérias, melhores, com as colônias de monges trapistas. A região de aspecto alemão à antiga, com vilarejos horríveis, foi desejada de modo complexo, conhecemos as pinturas = fundos. Agora estou de volta.

Sobre as fotografias⁵² que finalmente chegaram, as envio em anexo. “Sou acomodado mesmo” não permite nenhum comentário. Detesto minha foto — essa, todas elas.

Então. Pois bem. Seu Friedel.